

Intensificando a Renda de Bilro: o caso da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana

Intensificando la Renda de Bilro : o Caso da Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana

Intensifying Bilro Lace : the case of the Lace Makers Association from Morros da Mariana

Marcia Toscan

mtoscan@aedu.com

Anhanguera Educacional de Cascavel-PR

Tipo de artigo: Original

RESUMO

O artesanato é um modo especial de conhecer comunidades. Pensando assim traçamos aqui uma reflexão sobre a produção da renda de bilro dos Morros da Mariana, Piauí, que após o reconhecimento de estilistas brasileiros e a criação do associativismo sustentável passou a ser valorizada ainda mais pela população e deste modo a herança cultural das rendeiras não caírem no esquecimento.

Palavras-chave: Renda de Bilro; Associação dos Morros da Mariana; artesanato.

RESUMEN

El arte es una manera especial de conocer las comunidades. Pensando de esta manera hemos esbozado una reflexión sobre la producción del encaje de bolillos de Morros da Mariana, Piauí, que gracias al reconocimiento de los diseñadores brasileños y la creación de asociaciones sostenibles, aún ha sido más valorado por la población. De este modo la herencia cultural de las creadoras de dicho encaje no se pierden en el olvido.

Palabras-clave: Encaje de bolillos; Asociación de Morro da Mariana; artesanía.

ABSTRACT

The craft is a special way of knowing communities. So thinking we draw here a reflection on the production of bobbin lace of the Mariana Hills, Piauí, that after the recognition of Brazilian designers and the creation of sustainable associations became even more valued by the population and thus the cultural heritage of the lace does not fall into oblivion.

Keywords: bobbin lace; the Association of Marian Hills; crafts.

INTRODUÇÃO

O artesanato sempre foi presente na história da humanidade, sendo que os artesãos surgiram em momento de transformação da sociedade, pois eles produziam os seus próprios instrumentos de trabalho e os artefatos necessários nos seus modos de vida.

O trabalhador, segundo o sociólogo C. Wright Mills:

“[...] imbuído do ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são per se uma recompensa; os detalhes do trabalho cotidianos são ligados, no espírito do trabalhador, ao produto final; o trabalhador pode controlar seus atos no trabalho; a habilidade se desenvolve no processo do trabalho; o trabalho está ligado à liberdade de experimentar; finalmente, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação do trabalho artesanal.”

(*apud* Sennett, 2009, p.37).

O artesão começou a gerar para sua família renda financeira e acabou por inserir na sociedade um novo elemento artístico manual, que não somente agradava aos seus vizinhos, mas também a burguesia que passou a adquirir os objetos produzidos pelos camponeses com apuro na fabricação com estética que marcaria e marca as regiões por onde ele é produzido, que na visão de Barros, Costa e Saldanha (2006)

“O artesanato se caracteriza como uma grande e importante rede de geração de emprego e renda, sendo ainda um dos principais elementos da conservação e tradição da cultura regional e do desenvolvimento turístico de uma região.” (p.3)

Pensando assim não é difícil reconhecermos um objeto produzido no Ceará e outro no Rio Grande do Sul, pois os artesãos incorporam características locais e as transmitem no objeto produzido.

Os principais traços característicos do artesanato são: a oficina que dirige é pessoal e não societária; nela o artesão assume uma posição de chefia ou mestre artífice;

é possuidor dos instrumentos de trabalho; participa pessoalmente na elaboração dos bens e serviços que produz. O artesão exerce uma arte ou um ofício manual por sua conta, sozinho ou auxiliado por membros da sua família e um número restrito de companheiros ou aprendizes. Com a ajuda de ferramentas e mecanismos caseiros, visa produzir peças utilitárias, instrumentos de trabalho, artísticas e recreativas, com ou sem fim comercial.

Hoje podemos ainda encontrar oficinas de artesãos com essas características o que intensifica o valor que o artesanato ainda produz na sociedade e para a sociedade. Cooperativas e associações são planejadas pelos governos municipais e estaduais para que essa herança não seja abandonada e possa ser passado de pais para filhos dando continuidade para história cultural de seu país. Pois é a partir do trabalho que o homem constrói sua esfera cultural, atua sobre a natureza transformando-a a partir de suas novas necessidades, gerando novas possibilidades e promovendo uma ação.

Essa herança de passar o aprendizado de certa produção artesanal de avós para filhos e netos é comum em muitas regiões brasileiras, aqui em especial vamos tratar da renda de Bilro, produzida pelas rendeiras dos Morros da Mariana, Piauí.

A RENDA DE BILRO

Como muitas heranças européias, a renda de Bilro chegou ao Brasil em fins do século XV e início do século XVI que juntamente com outras manifestações folclóricas (cerâmica, cestaria, danças, cantigas...) foi aprendidas e transferidas para as gerações futuras. Os açorianos foram responsáveis em trazer e ensinar essa tradição para o Brasil, em especial no Estado de Santa Catarina.

E segundo Varela, Balbinot e Pereira (2000),

“A renda de bilro chegou ao sul do Brasil por volta de 1748/1749, trazida pelos imigrantes açorianos vindos em busca de melhores condições de vida.” (p.543)

Inicialmente a produção tinha um cunho doméstico, em que as mulheres produziam para a ornamentação do lar.

“A origem da palavra renda não é bem conhecida. A renda é definida, por Bueno (1988), como labor de agulhas ou ainda como tecido muito fino e aberto. Aparece também como dissimilação do espanhol randa, que veio do provençal randa – adorno, deverbais de randar, adornar. Já em Nascentes (1966), renda é uma palavra aparentada do espanhol e do catalão, de origem incerta, talvez céltica.” (Zanella, Balbinot & Pereira, 2000, p.237)

Os imigrantes portugueses em busca de vida melhor trazem nas suas bagagens para o Brasil a cultura predominante de seu país e as adaptam nas novas moradas como alimentação, vestuário, idioma e as modificações também não foram diferentes na confecção das rendas. O corrente crescimento posterior do turismo fez com que a produção passasse de algo de essência doméstica para ser comercializada, desde modo, mudando a forma dessas rendeiras ensinarem a produzir o Bilro, até mesmo porque, foram se adaptando as transformações sócias, econômicas e culturais da onde estavam inseridas. Aos poucos as mulheres açorianas foram produzindo a renda de bilro para ajudar no rendimento financeiro.

Tão rápido essa tradição foi-se espalhando para outras regiões brasileiras e hoje é parte do patrimônio imaterial, que é definido pela UNESCO:

“A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.”

Assim a renda de bilro – trata-se de uma manifestação cultural e, como tal, deve ser entendida como atividade social realizada por uma determinada coletividade. Desse modo, ao aprendê-la o sujeito apropria-se não somente de um fazer, mas de toda a história e valores que o caracterizam, sendo que, ao mesmo tempo, imprime a estes sua marca singular.

AS RENDEIRAS DOS MORROS DA MARIANA - “Olé, muiê rendeira, olé muiê rendá, tu me ensina a fazer renda que te ensino a namorar.”



Imagem 1 – Desenvolvimento de moldes para renda de bilros. À esquerda, moldes antigos usados pelas artesãs; à direita, moldes geometrizados por Lia Monica e José Marconi; Caiçara, PB

Há 350 km de Terezina, no Piauí, está localizada a Associação das Rendeiras dos Morros da Mariana. Hoje Ilha Grande de Santa Isabel.

No século XVI era conhecido como Coroa Grande, o nome dado posteriormente dos Morros da Mariana foi devido a uma desbravadora e rendeira do local que tinha uma pousada e recebia os recém chegados no povoado. O local ficou cobiçado devido à riqueza da fauna e flora e a abundancia de alimentos retirados da água.

Hoje a cidade é conhecida devido às rendeiras da associação que fizeram do ato de tecer rendas o sustento familiar. Inicialmente, as rendeiras estavam desmotivadas em continuar o labor, pois se sentiam desvalorizadas e muitas já suscitavam abandonar os bilros.

“(…) as rendeiras, visto que são pessoas de pouca educação formal, mas o trabalho oferece a elas a possibilidade de pensar em grupo, de conviver em comunidade, de mesclar sua rotina de dona de casa às lutas de busca de seus direitos enquanto trabalhadoras e mulheres, conferindo-lhes autonomia e assim resgatando e/ou estimulando sua autoestima”. (Pitta, 2010, p.11)

Mas graças a esforços da comunidade e de alguns órgãos municipais e estaduais em 1994 foi fundada a Associação dos Morros da Mariana que, inicialmente eram oito rendeiras que produziam o trabalho em casa e levavam em um local comum para a venda que na paróquia da cidade eram comercializadas e expostas, aos poucos outras rendeiras foram agregando a associação e hoje chegam a 180 rendeiras.

A renda do bilro do Morro da Mariana passou a ser bem mais valorizada, e sua comercialização melhorou bastante, tornando-se assim uma atividade economicamente viável para as rendeiras, sendo que cada rendeira é responsável pela confecção do seu produto desde os materiais utilizados para a confecção, até sua disponibilização para venda na associação. No entanto, para vender a renda na associação não é necessário ser associado, porém quem não é associado deve deixar 10% de tudo que vende para a manutenção da casa. Em 2008 a associação conseguiu sede própria onde lá conseguem produzir e vender o seu trabalho em situação melhor e promover o associativismo dividindo as encomendas. Silvia Sasaoka é uma das colaboradoras que ajudou na organização da associação, declarou em uma entrevista:

“O fato das rendeiras saírem de suas casas para a associação, para juntas realizarem o trabalho, profissionaliza e fortalece diante qualquer dificuldade, pois elas têm o suporte da organização, para realizar qualquer ação. Não há muitas interrupções no trabalho, como no lar devido inúmeras ocupações, daí o rendimento ser maior.” (2009)

A mulher rendeira está em constante mudança, está sempre construindo e desconstruindo, tece peças e transforma suas vidas à medida que o trabalho funciona como um vácuo do pensamento, dando espaço para as transformações subjetivas, inconscientes, tirando das mentes as banalidades do dia-a-dia e relaxando, direcionando a atenção para o que está dentro.

Não demorou muito para as rendeiras atualizarem-se com cursos e ensinamentos de design conseguindo assim desenvolver mais ainda a sua produção e entrar para o mundo moda brasileira.

“No trabalho da rendeira vê-se a liberdade de organização deste, uma vez que mais que um trabalho, é o estilo de vida daquelas mulheres. Aqui a organização obedece a regras um pouco frouxas, mas não menos exigentes. Há um misto de obrigação e displicência, em vista da não rigidez de trabalho que acaba por exigir mais das rendeiras. Não possuem seguranças financeiras, nem têm horas fixas de trabalho.” (Pitta, 2010, p.33)



Imagem 2 – 2001 - Vestidos de Walter Rodrigues, rendas da Associação das Rendeiras de Morros da Mariana, Piauí - Foto de Ali Karakas.

A Associação passou a ser conhecida em todo Brasil depois das encomendas do estilista Walter Rodrigues que dedicou uma coleção de sua criação utilizando as rendas de bilro produzidas pelas rendeiras dos Morros da Mariana. Walter Rodrigues conheceu o trabalho das rendeiras de Ilha Grande através de um folheto do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), onde despertou sua curiosidade, então resolveu vir ao

Piauí para conhecer melhor o trabalho. Logo, começou a por em prática sua ideia de fazer uma coleção confeccionada pelas rendeiras da associação para o desfile de moda mais importante do Brasil, São Paulo *Fashion Week*. Desse modo, o acontecido deu um novo impulso na cultura local, onde foram mostradas ao mundo inteiro a renda peculiar de Ilha Grande do Piauí em 2001/2002 na cidade de São Paulo.

Desde então elaboram as mais variadas tramas não mais oferecendo as toalhinhas e outros enfeites para a casa, mas sim um novo viés comercial, a confecção de rendas para a alta costura. Para entrar neste ramo da alta costura as rendeiras introduziram novos materiais na confecção que gerou um retorno financeiro maior. Utilizaram a crina de cavalo e cores, desta maneira atualizaram a sua estética na produção dando um aprimoramento e criando um diferencial para a associação.

Desta forma, a Associação das Rendeiras de Ilha Grande do Piauí, exerce um papel de vital importância para a economia local e para o desenvolvimento turístico da região, não obstante que a presença da associação na cidade de Ilha Grande, torna o destino com um diferencial que pode vir a atrair turistas e funcionar como um fator que pode influenciar na decisão do turista em conhecer o litoral piauiense, pois apesar de a renda do bilro ser confeccionada em outras regiões do país, no Piauí a mesma é feita de forma artesanal, de modo que a renda ilhagrandense é confeccionada do mesmo jeito que era confeccionada quando chegou ao local trazida pelos portugueses.



Imagem 3 – Artefatos Produzidos pelas rendeiras dos Morros da Mariana – Foto: PROMOART.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato é uma produção de essência particular das regiões em que é produzido e, mesmo com todo o apuro tecnológico do nosso século ele não pode deixar de existir, pois transmite o processo cultural de uma nação.

No caso da renda de bilro que chegou até nós pelas mãos lusitanas recebeu também adaptações das regiões onde foram difundidas, mas não abandonaram a sua essência do feito que são as utilizações dos bilros, das almofadas e dos gabaritos produzidos pelas rendeiras com apuro artístico e matemático. O produto final das rendeiras são confecções de toalhas, apliques e enfeites de modo geral, devido a falta da difusão de tal patrimônio muitas das rendeiras ficaram desmotivadas em produzir, pois o retorno financeiro era e é escasso em algumas regiões em que ainda o bilro é trabalhado. Deste modo essa herança cultural pode cair em uma produção solitária em que a rendeira venha a produzir peças somente para a sua necessidade caseira. Na tentativa de não se perder esse processo de ensinar a seus herdeiros a confecção, em especial da renda de bilro, algumas rendeiras dos Morros da Mariana, no Piauí, fizeram um trabalho com a comunidade e com a ajuda de órgãos interessados, para que não se perca essa herança cultural.

Essa conscientização criou-se uma associação onde lá elas possam se organizar, aperfeiçoarem e vender as suas rendas. Deste modo formaram um associativismo

sustentável, que foi intensificado com a utilização das rendas por estilistas brasileiros que assim ajudaram a difundir e a valorizar o que as nossas comunidades têm a oferecer para a alta costura.

Conclui-se assim que não podemos deixar de valorizar o artesanato, pois ele nos conta história, valoriza o fazer manual e nos mostra a essência da vida simples e pura de pessoas que não perderam a herança deixada. Em especial a renda de bilro é um trabalho que exige de seu feitor uma apuro manual, uma vivência cultural e acima de tudo uma maestria na sua confecção em que as rendeiras sentem-se orgulhosas de transmitirem esses ensinamentos as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, K.S.; COSTA, R.F.C.; SALDANHA, M.C.W. (2006): *Inserção do Design na Renda de Bilro na Vila de Ponta Negra: Instrumento e Inclusão Social, Preservação Cultural e Turismo Sustentável*. Natal: 2006. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/KleberBarros.pdf>> Acesso em: 09/08/2013

BECK, A., COSTA, C. M., TORRENS, J. C. & LACERDA, E. P. (1982): *Roça, pesca, renda: Trabalho feminino e reprodução familiar*. Boletim de Ciências Sociais, 23, 5-39.

PITTA, Ludmila Nogueira de Macedo (2010): *Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento de promoção de Saúde*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza; Brasil.

SENNETT, R. (2009): *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record. Zanella, Andréa Vieira; Balbinot, Gabriela; Pereira, Renata Susan. (2000): *A renda que enreda: Analisando o processo de constituir-se rendeira* - Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00 – disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v21n71/a11v2171.pdf> - 01/03/2012

ZANELLA, Andréa Vieira; BALBINOT, Gabriela; PEREIRA, Renata Susan. (2000): *Re-criar a (na) Renda de Bilro: Analisando a Nova Trama Tecida*. Universidade Federal de Santa Catarina - Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000, 13(3), pp. 539-547, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a21.pdf> - 05/03/2012

<http://www.proparnaiba.com/emfoco/projeto-cultura-e-renda-preservacao-e-difusao-da-renda-de-bilro.html> - entrevista com Silvia Sasaoka em 17/06/2009 – acessado 14/03/2012

<http://minhailhagrande.blogspot.com/2010/10/historia-do-povoado-morros-da-mariana.html> - acessado em 02/03/2012

<http://portal.iphan.gov.br> - acessado em 08/03/2012

<http://www.acasa.org.br/instituicao> - acessado 08/03/2012

<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1051/1/tese.pdf> - 14/03/2012

<http://www.eumed.net/libros/2008a/372/PRODUCAO%20ARTESANAL.htm> - ANTECEDENTES DO CAPITALISMO, por Carlos Gomes – acessado em 03/03/2012

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CA146DA3D21F877B832574DC00453EA0/\\$File/NT00039052.pdf-01/03/2012](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CA146DA3D21F877B832574DC00453EA0/$File/NT00039052.pdf-01/03/2012)